

## APLICABILIDADE DA ABORDAGEM DA PARENTALIDADE POSITIVA PELO ENFERMEIRO: UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA <sup>1</sup>

Pâmela Espíndola <sup>2</sup>

Adailson da Silva Moreira <sup>3</sup>

### RESUMO:

Com as pesquisas e descobertas da psicologia e da pedagogia dos últimos tempos, houve uma mudança no modelo parental utilizado na educação das crianças. Foram objetivos deste estudo contextualizar o panorama histórico relacionado aos modelos de parentalidade adotado pelas famílias e suas influências no desenvolvimento e na educação das crianças; descrever os pressupostos relacionados à parentalidade positiva e os efeitos produzidos na educação das crianças e; apresentar o papel e as ações do enfermeiro como educador voltado ao desenvolvimento da parentalidade positiva junto às famílias por ele cuidadas. O método utilizado foi a revisão narrativa da literatura e as fontes dos dados foram publicações encontradas no Google Acadêmico e periódicos Capes, sendo sete mil e quinhentos e vinte artigos encontrados durante a busca, destes apenas quarenta e seis artigos foram utilizados. Os resultados do estudo mostram a inadequação da parentalidade antiga na educação e desenvolvimento das crianças apontando para a necessidade de um novo modelo parental, denominado parentalidade positiva, o qual apresenta resultados muito positivos para a formação do ser humano. O estudo ressalta a relevância da atuação do enfermeiro como um educador em saúde voltado à parentalidade positiva. Como conclusão, ficou evidenciado que a estratégia da abordagem educativa da parentalidade positiva, além de promover o desenvolvimento saudável das crianças, pode prevenir e intervir em psicopatologias resultantes de práticas parentais prejudiciais.

**Palavras-chave:** Parentalidade positiva; Família; Enfermagem; Infância; Desenvolvimento.

### ABSTRACT:

With recent research and discoveries in psychology and pedagogy, there has been a change in the parental model used in children's education. The objectives of this study were to contextualize the historical panorama related to the parenting models adopted by families and their influences on the development and education of children; describe the assumptions related to positive parenting and the effects produced on children's education and; present the role and actions of nurses as educators focused on developing positive parenting among the families they care for. The method used was a narrative literature review and the data sources were publications found on Google Scholar and Capes journals, with seven thousand five hundred and twenty articles found during the search, of which only forty-six articles were used. The results of the study show the inadequacy of old

parenting in the education and development of children, pointing to the need for a new parental model, called positive parenting, which presents very positive results for the formation of human beings. The study highlights the relevance of the nurse's role as a health educator focused on positive parenting. In conclusion, it was evident that the positive parenting educational approach strategy, in addition to promoting the healthy development of children, can prevent and intervene in psychopathologies resulting from harmful parental practice.

## INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, as pesquisas e descobertas nas áreas de psicologia e pedagogia têm revelado importantes aspectos das transformações familiares em curso. A transição da família extensa para configurações mais nucleares e reduzidas têm impactado significativamente as relações parentais, enfatizando a crescente importância

- 
1. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Graduação em Enfermagem do Campus de Três Lagoas (CPTL) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
  2. Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem do CPTL / UFMS. E-mail: Enf.pamela.ufms@gmail.com
  3. Prof. Dr. no Curso de Graduação em Enfermagem do CPTL / UFMS, orientador do TCC

da afetividade e do respeito mútuo como elementos essenciais para o bem-estar das crianças (Teixeira; Rettore, 2017, p. 3).

Com o declínio da família extensa, na contemporaneidade, surge um novo modelo familiar, chamado agora de nuclear, composto por pais e filhos, demandando uma reconfiguração das relações interpessoais e uma valorização da qualidade das interações. (Teixeira; Rettore, 2017, p. 4)

Denota-se que, seja qual for o modelo de família, a questão da educação dos filhos é bem antiga, inclusive o termo educação desafia definições precisas do ponto de vista científico, pois se refere a um campo geral de conhecimento, e a sua definição varia de acordo com a cultura, época e autor. Também não existe um tempo demarcado para o começo do ato de educar, em razão dessa ação fundamentar o ser humano desde os primórdios e estar intrinsecamente relacionada com a nossa própria natureza, desde a

antiguidade mais remota (Tardif; Gauthier, 2014, p. 11). Assim, ao longo da história, sempre existiu a preocupação sobre a educação dos filhos.

Começando pela Grécia antiga, em que a atenção dos adultos estava voltada para a formação pedagógica das crianças da classe dominante e para o exercício da cidadania. A educação dos gregos tinha o seu fundamento na poesia homérica como modelo para guiar os pais na educação de seus filhos, a qual continha orientações e apontamentos sobre virtudes, força e inteligência, características consideradas essenciais para os cidadãos (Tardif; Gauthier, 2014, p. 11).

Nesta época, de acordo com Tardif e Gauthier (2014, p. 12-13) as crianças gregas das famílias ricas, eram educadas na própria família e de maneira tradicional, ou seja, eram os modos de ser, pensar e de agir dos adultos que forneciam às crianças o sistema de referência que as deveriam guiar na sua conduta diária, sempre com vistas ao adulto que deveriam se tornar e à sua participação na vida política da pólis. Crianças de famílias pobres ou escravas não eram educadas para esses fins; elas eram treinadas apenas para a realização de suas atividades produtivas de manutenção da sociedade.

Quando a Grécia foi dominada pelo Império Romano, suas raízes a respeito da educação permaneceram fortes e inalteradas e acabaram por influenciar a educação romana, que era praticamente inexistente, já que em Roma não havia nenhuma preocupação nesse sentido: a função de educar estava circunscrita somente à família (Passos, 2021, p. 94).

Na Roma Imperial as primeiras instruções para as crianças das famílias ricas eram proporcionadas principalmente pela mãe, sendo que meninos e meninas recebiam ensinamentos de maneiras distintas a partir dos 7 anos de idade. Enquanto as meninas permaneciam com a mãe para aprender as tarefas domésticas, os meninos acompanhavam o pai para serem instruídos sobre o seu papel na sociedade (Passos, 2021, p. 95).

Na Idade Média, a iconografia religiosa aponta que a construção do sentimento de amor pelas crianças foi, durante muitos séculos despercebida, sufocada, chegando mesmo a não existir. Os adultos se relacionavam com as crianças sem discriminações, falavam vulgaridades, realizavam brincadeiras grosseiras, todos os tipos de assuntos eram discutidos na sua frente, inclusive há registros de que participavam de atividades sexuais juntamente com os adultos (Rocha, 2002, p. 2).

Reis, Chagas, Xavier (2017, p. 4) relatam que, por essa razão, e em nome de uma educação voltada para o religioso, principalmente para a grande massa da população,

começaram a receber intervenção e orientação da Igreja Católica, com o objetivo de colocar em prática suas vertentes morais, uma vez que o poder estatal/religioso não tinha como preocupação a educação, nem a relação das famílias com as suas crianças.

Com o desenvolvimento das sociedades modernas, o campo religioso vai perdendo força, e a educação empreende uma importante transição: antes era ministrada em espaço doméstico, com a decisão da própria família sobre os conteúdos e modos de educação e aos poucos, vai migrando para espaços de ensino coletivo, denominados *escola* (CONAE, 2010, p. 50).

Dados da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (2022, p. 7) descrevem que nas últimas décadas do século XX, houve uma transição significativa em relação às mentalidades e comportamentos no que diz respeito às crianças e ao processo educacional a partir das descobertas de diversas ciências, como a medicina, a psiquiatria e a psicologia. Novos valores foram concebidos em relação às relações parentais, ao processo educacional e às práticas punitivas/corretivas/educacionais.

Essa mudança de mentalidade e comportamento foi marcada pela transição de um regime autoritário, hierárquico e negligente com relação às crianças para um modelo atual que valoriza a participação ativa das crianças no processo educacional e a importância de uma educação mais humanizada, inclusiva e afetiva. Essa mudança também se refletiu em políticas públicas, com a criação de leis que protegem os direitos das crianças e a promoção de uma educação mais inclusiva e humanizada (FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL, 2022, p. 7).

Outros fatores que influenciaram as mudanças descritas em relação às crianças foram a evolução da ciência e da tecnologia, a globalização e a crescente conscientização sobre a importância dos direitos humanos e da inclusão social. Além disso, as mudanças também foram influenciadas por movimentos sociais e políticos que lutaram pela promoção dos direitos das crianças e pela criação de políticas públicas mais inclusivas e humanizadas. Tais mudanças são exemplos de como a evolução da ciência e da tecnologia pode influenciar a sociedade e promover mudanças significativas (Silva; Urbaneski, 2013, p. 105).

Segundo Silva (2012, p. 34) essa mudança radical sobre o processo educacional que está em construção vai se produzindo em razão do questionamento: “educar para formar cidadãos aptos a serem inseridos no meio social, é um dever da escola ou da família? A quem deveria caber tal responsabilidade?”

Aos poucos vai surgindo a concepção de que os pais são os responsáveis por criar e educar suas crianças, enquanto a escola deve formar a instrução das mesmas (Agostinho, 2009, p. 17). A partir dos anos 1970 surge a preocupação para definir o termo PARENTALIDADE, que passa a povoar as preocupações de pais e educadores, chegando à esfera política. Esse vocábulo deriva do verbo latino *parere*, que significa trazer ao mundo (*bring to forth*), desenvolver ou educar. O conceito ligado ao termo considera como um “conjunto de atividades fornecidas pelos pais aos filhos, de modo a garantir as suas necessidades e promover o seu desenvolvimento. Este ato, então, passa a ser conhecido como papel parental” (Simões, 2011, p. 28).

Na evolução do conceito de parentalidade surge o enfoque da PARENTALIDADE POSITIVA, principal enfoque desse estudo que será apresentado posteriormente.

Silva (2012, p. 39) considera que atualmente as responsabilidades da educação parecem concentrar-se nos professores, que possuem outras grandes responsabilidades, mas também não devem/podem receber todos os encargos, que devem ser compartilhados com a família.

Pode ser bastante comum que os pais anulem as suas responsabilidades quanto à formação educacional e à construção da civilidade de seus filhos deixando a responsabilidade apenas à escola e aos professores, isso acaba ocorrendo porque a maior parte dos pais não dispõe de informações, competências e, até mesmo apoio, suficientes para o exercício desse papel fundamental (Ducharne; Cruz, 2006, p. 10).

Frente ao exposto, a sociedade contemporânea brasileira vive o seguinte contexto problematizado: a escola, sozinha, não tem condições de formar adequadamente o cidadão, pois seu papel é o de ensinar, transmitindo conhecimentos científicos, e disponibilizando meios para integração e socialização; os pais, por seu lado, encontram-se perdidos e acabam recriando a educação que tiveram na infância, por ser o único modelo que conhecem (Reticena; Gomes; Fracolli, 2022, p. 2).

Assim, se pode perguntar, de quem é a responsabilidade pelo processo educacional das nossas crianças?

A resposta não é simples e nem única, no entanto denota-se que a promoção da aprendizagem de competências parentais para os pais com a finalidade de garantir o pleno desenvolvimento da criança, deve ser apoiada por vários setores de serviços no Brasil, mas principalmente pelos serviços de saúde que, depois da escola, desempenha papel fundamental na construção da sociedade (Reticena; Gomes; Fracolli, 2022, p. 2).

A Rede de Atenção Básica à Saúde, dentre os vários outros setores, é o campo que permite o mais amplo desenvolvimento de ações promotoras para a abordagem da *parentalidade positiva*, teoria e prática que trabalha o relacionamento entre pais e filhos, com a finalidade de construção de adultos aptos a atuar em sociedade com equilíbrio. Nesse sentido Reticena; Gomes; Fracolli, 2022, p. 2) consideram que por ocupar posição estratégica no acompanhamento das famílias em seus diferentes ciclos de vida, o enfermeiro possui grande amplitude de acesso às famílias, desempenhando papel complementar às família e à escola”, podendo atuar positivamente na orientação e apoio na educação das crianças.

Diante da problemática descrita, os objetivos propostos para esta Revisão Narrativa da Literatura pautaram-se na questão norteadora “Qual é o papel do enfermeiro na promoção da parentalidade positiva frente à dualidade existente quanto às práticas educacionais das crianças, adotadas pelas famílias?

## **OBJETIVOS**

- Contextualizar o panorama histórico relacionado aos modelos de parentalidade adotado pelas família e suas influências no desenvolvimento e na educação das crianças;
- Descrever os pressupostos relacionados à parentalidade positiva e os efeitos produzidos na educação das crianças;
- Apresentar o papel e as ações do enfermeiro como educador voltado ao desenvolvimento da parentalidade positiva junto às famílias por ele cuidadas.

## **MATERIAL E MÉTODO**

Para atingir os objetivos propostos, esta pesquisa segue o rito da Revisão da Literatura em forma Narrativa, que consiste em um procedimento crítico e sistemático para analisar e interpretar o conhecimento acumulado sobre um tema específico.

Segundo Gil (2002), uma revisão bibliográfica envolve a busca, a seleção e a análise de literatura pertinente, permitindo a contextualização do problema de pesquisa e a identificação de lacunas no conhecimento existente. Esse processo é fundamental para o embasamento teórico de um estudo e para a formulação de novas abordagens de pesquisa.

As fontes de informações foram várias bases de dados, entre elas o Google Acadêmico e os Periódicos Capes, utilizando as seguintes palavras-chave: parentalidade

positiva; família; enfermagem; infância e desenvolvimento, sem marco temporal delimitado, e dando-se preferência a artigos, dissertações, teses e livros que tratem dos assuntos

## **RESULTADOS**

A partir das informações identificadas na literatura, foi possível responder aos objetivos propostos neste estudo conforme descrição narrativa a seguir apresentada.

### **QUESTÕES RELACIONADAS À PARENTALIDADE**

#### **Modelo da Parentalidade Antiga / Tradicional:**

Até antes da eclosão da II Guerra Mundial, o modelo de educação familiar prevalecente se caracterizava por uma estrutura rígida e autoritária, com uma escassa consideração pela infância e uma limitada expressão de afeto por parte dos pais. As práticas punitivas e o recurso frequente à violência eram comuns, enquanto o universo infantil permanecia segregado do mundo adulto, com as crianças sendo ensinadas a acatar e a submeter-se à autoridade paterna (Aragão, 2014, p. 16).

Tal modelo parental, com suas práticas e dinâmicas antiquadas, foi associado a uma série de consequências adversas na vida adulta desses indivíduos. Foi evidenciado que padrões parentais problemáticos, carentes de consistência e de um cuidado reflexivo, além daqueles considerados tóxicos, podem acarretar problemas de saúde, baixo rendimento acadêmico e profissional, além de uma maior propensão ao envolvimento com comportamentos delinquentes e outros fenômenos sociais (FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL, 2022, p. 9).

A incidência de violência física, sexual e psicológica na esfera familiar, por sua vez, tem sido associada a impactos significativos nas relações intrafamiliares e no desenvolvimento psicossocial das crianças ao longo de suas vidas (Agostinho; Pereira, 2015, p. 3). Relações parentais conturbadas e tóxicas podem ter consequências negativas na vida adulta, como apontam diversas pesquisas (Santos, 2022; Marin *et al.*, 2013).

Genitores que utilizam estratégias educativas coercitivas (punição física, privação de privilégios, gritos, xingamentos e ameaças) como o principal modo de controle do

comportamento de seus filhos, estão ensinando a eles padrões de interação violentos, que envolvem muitos riscos, já que esses comportamentos aprendidos geralmente serão utilizados em novas situações, seja com outros adultos ou crianças, quando da idade escolar (Dias; Siqueira; Patias, 2013, p. 6).

No estudo de Santos (2022, p. 13) destaca-se que crescer em uma família disfuncional pode levar a uma vida adulta igualmente disfuncional, com problemas como dificuldade em estabelecer limites, baixa autoestima e dificuldade em dizer não. Apontando que crianças que crescem em famílias tóxicas experimentam estresse tóxico diariamente, o que pode levar a problemas de saúde mental, como transtornos de ansiedade e depressão, além de dificuldades em manter relacionamentos saudáveis, sendo que adultos que cresceram com pais tóxicos podem ter dificuldade em estabelecer limites saudáveis, além de sofrer de ansiedade, depressão e baixa autoestima.

Apurou-se que, quanto pior a história de adversidade na infância, maior a existência de doenças físicas e psicológicas em adultos. Assim, associa-se a psicopatologia (trauma, stress pós-traumático e depressão) a práticas parentais prejudiciais, demonstrando ser esses adultos emocionalmente menos acessíveis, responsivos, recíprocos e afetuosos, sem capacidade de discernimento entre as suas necessidades e as da criança (SANTOS, 2022, p. 17)

Marin *et al.* (2013, p. 2) afirmam que famílias disfuncionais podem levar a problemas conjugais em relacionamentos românticos na vida adulta, como dificuldades em estabelecer limites e ansiedade em torno de relacionamentos, apontando que crianças que crescem em famílias disfuncionais podem ter dificuldade em formar relacionamentos íntimos saudáveis quando adultos.

Padrões de parentalidade problemáticos, inconsistentes e com falhas ao nível do cuidado, da função reflexiva e do suporte afetivo, podem levar a problemas de saúde, desempenho escolar e profissional, além de envolvimento com criminalidade e outros fenômenos sociais (Altafim *et al.*, 2023, p. 6).

As informações anteriormente descritas destacam a importância de relações parentais saudáveis e a necessidade de prevenir e tratar relações parentais tóxicas para promover a saúde mental e o bem-estar na vida adulta.

### **A emergência de um novo modelo parental**

Com as pesquisas e descobertas da psicologia e da pedagogia dos últimos tempos, houve uma mudança no modelo parental. A família extensa, que era comum até o século XIX, foi substituída pela família nuclear, que é composta apenas pelos pais e filhos. Esse modelo de família foi sinônimo de honra e respeitabilidade, mas também apresentou problemas, como a falta de amortecimento em caso de rompimento de relações (ALVES, 2009, p. 6).

Neste contexto histórico, a mulher sempre foi a protagonista no desenvolvimento da parentalidade; frequentemente o pai adotava o papel secundário, pois sua função principal era ser o provedor da casa, enquanto a mulher seria responsável por atividades domésticas, incluindo cuidar dos filhos e de sua educação (Carneiro; Silva, 2014, p. 9), sendo que Nunes e Barbosa (2011, p. 3) referem que a “psicologia fomentou a ênfase na relação da díade mãe/criança como primordial nos estudos de desenvolvimento da criança”, desta forma se ajustar ao tradicional conceito de um pai ausente e distante no que tange ao desenvolvimento infantil.

Alves (2009, p. 10) considera que a família nuclear e patriarcal se tornou um modelo a ser seguido, mas passou por intensas transformações a partir da década de 1960. O número de separações e divórcios cresceu, e a religião perdeu sua força. A ocorrência dessas transformações levou a uma mudança no conceito de família nuclear e na instituição do casamento.

Nessa mudança a afetividade e o respeito nas relações parentais passaram a ser valorizados, Jane Nelsen e Lynn Lott foram os fundadores do termo educação positiva que mais tarde autores modernos complementariam o termo do estudo substituindo a palavra educação por parentalidade. De acordo com o documento escrito por Nelsen e Lynn em 1980, se trata do primeiro Manual de Parentalidade, em que no seu esboço já garantiu aprovação do governo durante sua participação no ACCEPT (Conceitos Adlerianos de aconselhamento para incentivar os pais e professores). Um ano depois foi publicado o livro *Disciplina Positiva* (1981), anos depois esse termo se popularizou e vem se espalhando pelo mundo todo. (Dias, 2022, p. 19)

Esse conceito relata que práticas de punições e castigos foram substituída por uma educação mais amorosa e respeitosa. Quanto a isso, Lopes (2012, p. 90) afirma que a relação entre pais e filhos é fundamental para o desenvolvimento humano. A falta de afeto e respeito nas relações parentais pode levar a diversos problemas de saúde, déficit no desempenho escolar e profissional, além de aumentar a propensão para

comportamentos problemáticos e fenômenos sociais adversos, como a criminalidade e a delinquência.

Ao longo do século XX, diversos cientistas e pesquisadores se dedicaram ao estudo das relações entre pais e filhos. Um exemplo do início do século é Donald Winnicott<sup>1</sup> (1896-1971), que enfatizou a importância das primeiras relações materno-infantis e a necessidade de continência emocional para o desenvolvimento saudável do bebê (SILVA, 2016, p. 3). Já no final do século, Alice Miller<sup>2</sup> (1923-2010) chamou a atenção para os efeitos negativos da educação autoritária e da violência na infância, destacando a importância de uma educação baseada no respeito e na empatia (Dias; Brasil, 2022, p. 3).

Esses temas ganharam notoriedade pela sua importância e pela extensão dos seus danos, que passaram a ser descritos como maus-tratos, que são lesões da integridade psíquica da criança que, no início, permanecem invisíveis. Suas sequelas geralmente só se manifestam décadas depois, e mesmo assim o vínculo com ferimentos sofridos na infância raramente é estabelecido e levado a sério. As pessoas envolvidas, assim como a sociedade (médicos, advogados, professores e muitos terapeutas), não querem saber nada sobre as origens desses "problemas" ou sobre alguns "comportamentos bizarros" que exigem voltar a atenção para a infância (Dias; Brasil, 2022, p. 3).

Além disso, o papel do pai tem sido objeto de investigação e análise em diversas áreas do conhecimento, despertando recentemente o interesse de estudiosos para as transformações na representação da figura paterna pois, "a mulher foi desde sempre atriz principal neste processo de parentalidade, tendo-se relegado o papel do pai para um âmbito mais secundário" (Carneiro; Silva, 2014, p. 9).

Respeito e submissão à autoridade paterna são conceitos que têm sido discutidos e abordados de maneiras diversas ao longo dos anos e em diferentes contextos culturais. Historicamente, a autoridade paterna foi frequentemente associada a um papel de liderança e tomada de decisões no seio da família. Essa autoridade muitas vezes se baseava em valores tradicionais e em estruturas hierárquicas que estabeleciam o pai

- 
1. Donald Winnicott foi um pediatra e psicanalista inglês influente no campo das teorias das relações objetais e do desenvolvimento psicológico. Foi líder da Sociedade Britânica de Psicanálise Independente, e Presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise duas vezes (1956-1959 e 1965-1968). Winnicott é melhor conhecido por suas ideias relacionadas ao verdadeiro e falso self, a teoria dos pais *suficientemente bons*, e em parceria com sua segunda esposa, Clare Winnicott, desenvolveu a noção de objeto transicional.
  2. Alice Miller foi uma psicóloga polonesa que se mudou em 1946 para a Suíça. Seu trabalho é notável pelo enfoque em abuso infantil.

como figura central e detentor do poder dentro da unidade familiar (Quintella, 2014, p. 2).

No entanto, para o autor acima citado, ao longo do tempo a percepção desses conceitos evoluiu e mudou significativamente em muitas sociedades. Com o surgimento de movimentos sociais e discussões sobre direitos individuais, houve uma mudança em direção a uma abordagem mais igualitária e respeitosa dentro das relações familiares. Isso resultou em uma compreensão mais equilibrada e democrática das dinâmicas familiares, incluindo o papel do pai e o conceito de autoridade dentro da família.

Quintella (2014, p. 2) refere ser importante notar que, embora o respeito seja um valor fundamental em muitas culturas, o respeito à autoridade paterna não deve ser encarado como absoluto. Em vez disso, a ênfase está cada vez mais na comunicação aberta, no diálogo respeitoso e na construção de relações baseadas no entendimento e no apoio mútuos.

Observa-se que atualmente, os pais vêm afirmando o interesse de maior participação no cuidado e na criação dos filhos; como reflexo, os pesquisadores passaram a prestar mais atenção no papel do pai na família contemporânea (Nunes; Barbosa, 2011, p. 3).

Em um estudo realizado por Carneiro e Silva (2014, p. 9), vários entrevistados citaram seu ponto de vista como pai a respeito de como se sentiram durante o processo de construção da parentalidade:

... o papel do pai na sociedade atual ainda é visto como uma ajuda e não como um papel principal... nós não podemos ficar lá, e este é um dos handicaps... essa seria a parte mais fundamental para nós, que também me tivesse sido facultada a possibilidade lá ficar (E3);

... a mãe e o bebê são os atores principais daqueles momentos, eu era uma figura secundária... não me recordo de nenhuma enfermeira ter ido lá explicar determinado passo e me ter chamado – pai venha ver – não me recordo (E9);

... não fui abordado por nenhum profissional de saúde... não tive nenhum tipo de abordagem profissional. Parecia que eu não era essencial ali (E4);

... não me excluíram quando iam prestar cuidados, mas também não me integraram (E11);

... nem sempre existe o esforço para chamar o pai a integrar os cuidados. O pai é alguém, que parece aparecer ali de vez em quando e o cumprimentam ... realmente é tudo muito centrado na mãe e no bebê (E13) (CARNEIRO; SILVA, 2014, p. 9)

Hoje em dia, muitos especialistas em desenvolvimento infantil e psicologia familiar enfatizam a importância de estabelecer relações saudáveis e respeitadas entre pais e

filhos, baseadas no diálogo, no apoio emocional e no estabelecimento de limites saudáveis. A ideia de autoridade paterna ou materna não é mais vista como um exercício unilateral de poder, mas como uma responsabilidade compartilhada de criar um ambiente seguro, amoroso e estimulante para o crescimento e desenvolvimento saudável das crianças (Reticena; Gomes; Fracolli, 2022, p. 3).

Denota-se ser crucial que os pais e cuidadores cultivem laços afetuosos e respeitosos com as crianças, promovendo um ambiente propício para um crescimento equilibrado e saudável. Nessa perspectiva, pesquisas e pesquisadores da psicologia e da pedagogia contribuíram para a emergência de um novo modelo parental, que valoriza a afetividade e o respeito nas relações parentais, e para a criação da teoria/abordagem da parentalidade positiva (Altafim *et al.*, 2023).

### **A Abordagem da Parentalidade Positiva**

Estudos psicológicos, em nível internacional, destacam a relevância de um ambiente emocionalmente seguro e afetivamente enriquecedor para o desenvolvimento saudável das crianças, associando interações positivas entre pais e filhos a melhores resultados emocionais e sociais ao longo da vida (Dixe; Lopes, 2010; 2016).

O enfoque na parentalidade positiva surge como uma abordagem que tem como objetivo promover a relação de afeto, confiança e vínculo entre pais e filhos por meio de uma educação mais humanizada e inclusiva (Santos, 2022, p. 14). Para Reticena, Gomes e Fracolli (2022, p. 3) a participação ativa das crianças no processo educacional, bem como uma educação mais gentil e respeitosa têm sido adotadas por diversos profissionais da área da educação e da saúde, bem como por pais e mães que buscam uma educação mais amorosa e respeitosa para seus filhos.

Somente a partir do anos 1980 é que o termo foi mais profundamente estudado a partir das obras de Rudolf Dreikurs<sup>3</sup> (1897-1972) e Alfred Adler<sup>4</sup> (1870-1937), estudiosos

---

3. Rudolf Dreikurs, foi um psiquiatra e educador que desenvolveu o sistema de psicologia individual do psicólogo austríaco Alfred Adler de forma a tornar-se um método pragmático para o entendimento das causas do comportamento repreensível em crianças e para estimular um comportamento de cooperação sem punição ou recompensa.

4. Alfred Adler formou-se em medicina, psicologia e filosofia pela Universidade de Viena. Em 1902 foi trabalhar com Sigmund Freud, realizando pesquisas no campo da psicanálise. É o fundador da psicologia do desenvolvimento individual, na qual o meio social e a preocupação contínua do indivíduo em alcançar objetivos preestabelecidos são os determinantes básicos do comportamento humano, o que inclui a sede de poder e a notoriedade. Também se ocupou da orientação da criança como método preventivo na psicologia médica. Com o apoio do governo austríaco, abriu centros de orientação infantil em escolas de Viena, Berlim e Munique.

que pesquisaram a respeito da temática da parentalidade, desenvolvendo teorias sobre a personalidade e os princípios básicos para se viver, o que eles denominaram de democracia familiar, estimulando o diálogo entre membros da família; aprendendo a lidar com o insucesso sem vitimização e a exercitar a resiliência mesmo diante da ocorrência de graves problemas; o desenvolvimento de competências sociais, a aprendizagem da cidadania e a resolução de conflitos familiares (Silva; Corrêa, 2023, p. 5). Tais estudiosos estão na origem da abordagem da parentalidade positiva que vai ganhar expressão anos mais tarde.

Cruz, (2014 p. 7) conceitua parentalidade positiva como um conjunto de “comportamentos que têm como objetivo promover o desenvolvimento da criança e do adolescente e gerir os seus comportamentos-problema de uma forma positiva”. Dias; Siqueira e Patias (2013, p. 2). relatam que essa prática trabalha aplicando a disciplina indutiva, em que os progenitores esboçam seus desejos por meio de explicação clara, além de comunicarem os seus filhos sobre a consequência de seus comportamentos, pois esperaram que eles voluntariamente tomem decisões conscientes.

Os princípios da parentalidade positiva podem variar de acordo com a fonte consultada, mas em geral eles incluem:

- 1) Apego: afirma a importância de estabelecer uma conexão afetiva com a criança, promovendo um vínculo seguro e amoroso;
- 2) Respeito: valoriza a individualidade da criança, respeitando suas necessidades, desejos e limites;
- 3) Parentalidade proativa: ressalta a importância de ser um modelo positivo para a criança, promovendo comportamentos saudáveis e proativos;
- 4) Liderança gentil: promoção de uma liderança gentil e respeitosa, que valoriza a participação ativa da criança no processo educacional;
- 5) Cuidado e orientação apropriados: a importância de fornecer cuidados e orientação adequados à criança, levando em consideração suas necessidades e estágios de desenvolvimento;
- 6) Disciplina positiva: a promoção de uma disciplina baseada no diálogo, no respeito e na compreensão, em vez de punições e repreensões (Siegel e Hartzell, 2003, p. 30):

Aragão (2014, p. 27) considera que a parentalidade positiva é uma abordagem que tem como base uma filosofia positiva, que busca promover o bem-estar emocional e social das crianças, bem como a participação e a autonomia delas. Agostinho (2009, p. 23), afirma que a aplicação consistente dos princípios da parentalidade positiva resulta

em benefícios substanciais no desenvolvimento psicossocial das crianças, incluindo um senso reforçado de segurança emocional e autoestima.

Assim, a parentalidade positiva é uma corrente que defende a criação firme e gentil das crianças, permitindo ter uma relação mais amorosa e carinhosa com os filhos, sem deixar a disciplina de lado. A educação positiva, também chamada de parentalidade positiva, consiste em ter uma aprendizagem que aborda maneiras de se comunicar que utilizam conhecimentos pedagógicos e psicológicos (Corrêa; Silva, 2023, p. 2).

Esta corrente tem conquistado destaque significativo no campo da educação infantil, pois ressalta o valor parental ao estabelecer limites para as crianças, ao mesmo tempo em que enfatiza uma conexão emocional positiva entre pais e filhos (Alves; Martins, 2022, p. 2).

Cruz (2006, p.8) ressaltar que para o funcionamento da parentalidade positiva é necessário capacitar os pais para exercer tal prática, sendo que os programas de formação de pais caracterizam-se por um conjunto de atividades voluntárias de aprendizagem realizadas pelos pais, que tem como objetivo genérico aprender modelos adequados de práticas educativas e/ou modificar e melhorar as práticas já existentes, tendo em vista a promoção de comportamentos positivos e a eliminação de comportamentos considerados inadequados junto aos filhos. Estas intervenções têm um carácter preventivo e os programas são em geral aplicados coletivamente.

Por se tratar de um assunto recente na comunidade científica, porém de suma importância para que sejam evitados padrões prejudiciais intergeracionais de parentalidade, as estratégias a respeito da parentalidade positiva podem surgir a partir da formulação de questionamentos, tais como: 1) Quais modelos existem que abordam estratégias educacionais a respeito da parentalidade?; 2) Como tais modelos operam? e; 3) Qual será o melhor caminho para a educação de uma criança? (Bem; Wagner, 2006, p. 2).

De acordo com a opinião de Bem e Wagner (2006, p. 2), as respostas para essas indagações devem partir do princípio do que os pais valorizam e esperam de seus filhos, pois a prática da parentalidade, atualmente, se refere a metas parentais, ou seja, quais características os pais desejam internalizar em suas crianças, quais qualidades gostariam de ver seus filhos desenvolverem e quais comportamentos desejariam que suas crianças demonstrassem em determinadas situações. Esses autores ressaltam que a maneira como os pais e mães agem com os filhos está de acordo com os valores que

foram construídos durante a sua vida, além da sua interpretação sobre educação após os pais ou adultos responsáveis terem experienciado o modelo em que foram criados.

De acordo com as suas metas parentais, as estratégias/estilos de educação escolhidas pelos pais, se caracterizam como:

1) Estilo autoritário - os progenitores ou adultos responsáveis impõem um alto nível de controle, além de serem cerceadores e impositivos sobre a atuação dos filhos, utilizando castigos físicos, ameaças e proibições, mantendo um alto nível de exigência e não levando em consideração a opinião da criança. A meta parental a ser atingida é a conformidade das crianças;

2) Estilo permissivo - os pais são tolerantes, aceitam positivamente os impulsos da criança, utilizam pouco de castigos e deixam a criança regular a sua própria atividade, são bem comunicativos, afetuosos e receptivos com seus filhos. A meta parental desejada é a autodireção, responsabilidade e segurança para explorar o ambiente;

3) Estilo democrático - existe um equilíbrio entre afeto e controle, além dos pais reconhecerem a individualidade dos filhos buscam promover comportamentos positivos ao em vez de evidenciar repetidamente os não desejados, porém deixam às claras as normas e os limites, caracterizando um controle-guia. A meta parental é promover um respeito mútuo e um diálogo respeitoso, ensinando a criança a autogestão (Bem; Wagner, 2006, p 3).

O estilo democrático é o que coaduna com a estratégia da parentalidade positiva, pois está fortemente relacionado a uma série de aspectos do desenvolvimento psicológico de crianças e adolescentes, tidos como positivos quando comparados aos demais estilos, como maturidade psicossocial, competência psicossocial, desempenho escolar, autoconfiança e menores níveis de problemas de comportamento (Bem; Wagner, 2006, p. 3).

Considera-se que a parentalidade positiva não se limita ao âmbito familiar, mas também influencia o ambiente escolar e a comunidade em geral visto que, Agostinho (2012, p. 4) destaca a importância da parceria entre pais e educadores para promover uma educação mais positiva e eficaz. Santos (2022, p. 13) cita que sua aplicação em escolas tem mostrado uma melhoria significativa no comportamento e desempenho acadêmico dos alunos, promovendo um clima escolar mais acolhedor e propício ao aprendizado.

## **Efeitos produzidos na educação das crianças com a estratégia da parentalidade positiva**

A implementação da abordagem da parentalidade positiva tem gerado resultados notáveis e impactantes. Diversos estudos e pesquisas têm apontado os efeitos positivos dessa prática no desenvolvimento das crianças e no fortalecimento dos laços familiares (Alves; Martins, 2022, p. 06; Dixe; Lopes, 2010, p. 4).

Entre os principais resultados observados, Alves e Martins (2022, p. 7) destacam: 1) Melhoria do bem-estar emocional (segurança e autoestima); 2) Desenvolvimento cognitivo saudável; 3) Redução de comportamentos negativos; 4) Melhoria nas relações familiares; 5) Redução de problemas de saúde mental; 6) Maior conscientização e participação dos pais.

Um estudo descritivo identificou características de sucesso de um programa de parentalidade positiva para os primeiros três anos de vida da criança, em um outro descreveram um programa escolar para ajudar as mães adolescentes a desenvolverem comportamentos de parentalidade positiva, identificou um programa da Nova Zelândia como tendo o objetivo de desenvolver relacionamento positivo e identificar e promover os pontos fortes da família (Dixe; Lopes, 2010, p. 6)

Outro estudo desenvolvido no Canadá, com o objetivo de determinar a funcionalidade da educação parental, buscou identificar o resultado da interação entre pais e filhos com a utilização da abordagem da parentalidade positiva, mantendo-se um grupo controle de pais sem qualquer conhecimento das estratégias da abordagem. Os resultados demonstraram que o grupo de pais que tiveram acesso ao conhecimento das estratégias da parentalidade positiva apresentou “mais competências no acompanhamento do desenvolvimento cognitivo da criança e mais sensibilidade às suas solicitações do que os pais do grupo de controle” (Dixe; Lopes, 2010, p. 5). Além disso, os pais também consideraram o programa bastante útil.

Segundo Carvalho (2020, p. 31) existe um grande número de pesquisas que mostram que o ambiente onde a criança cresce tem um impacto significativo no seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Assim, as experiências positivas podem facilitar o crescimento saudável do cérebro dos bebês (Carvalho, 2020, p. 31). Estudo realizado por Santos (2022, p. 18) ressalta a importância de um ambiente saudável e positivo para o desenvolvimento infantil, e reforça a relevância da abordagem da parentalidade positiva na promoção do bem-estar emocional e social das crianças. Agostinho e Pereira (2015, p. 3) referem que pais que constroem ambientes familiares

acolhedores e que organizam contextos favoráveis para o desenvolvimento de seus filhos, acabam por estabelecer inúmeros fatores de proteção diante de eventos potencialmente ameaçadores.

A valorização da afetividade e do respeito nas relações parentais tem sido relacionada a uma maior resiliência emocional e autoestima robusta nas crianças, ressaltando a importância de um equilíbrio entre disciplina e afeto na educação e criação dos filhos. Mas não somente isso, uma parentalidade positiva pode ser responsável por introduzir na sociedade cidadãos produtivos e mais saudáveis, do ponto de vista da saúde mental (Agostinho, 2009, p.13).

## SOBRE A APLICAÇÃO DA ABORDAGEM DA PARENTALIDADE POSITIVA PELA ENFERMAGEM

Em nível nacional, os programas existentes no SUS apontam uma abertura para se trabalhar com a *parentalidade positiva*, já que estes programas são gerenciados e acompanhados pelos enfermeiros durante todo o processo de gestação. Incluem a abertura do pré-natal, onde se exige a presença de ambos os pais, como também os grupos de gestantes que ocorrem a cada uma vez ao mês. Porém este último, é destinado somente às mulheres gestantes dentro das UBSs, não havendo outro evento proposto no cronograma voltado somente ao pai (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012, p. 48).

O *processo de enfermagem* é uma abordagem sistemática e estruturada utilizada pelos profissionais para fornecer cuidados de saúde eficazes e individualizados aos pacientes. Esse processo compreende várias etapas, incluindo a avaliação completa da saúde do paciente, o diagnóstico de enfermagem para identificar problemas potenciais ou reais, o estabelecimento de metas e intervenções específicas, a implementação de cuidados baseados em evidências e a avaliação contínua dos resultados obtidos (NÓBREGA; GARCIA, 2009, p. 2).

O profissional de enfermagem pode fazer uso da abordagem da *parentalidade positiva* por meio de diferentes estratégias dentro do contexto da saúde. Em que são abordadas técnicas de comunicação eficaz, estratégias de disciplina positiva e habilidades para fortalecer os laços afetivos entre pais e filhos. Além disso, os enfermeiros podem promover a conscientização sobre a importância da participação paterna ativa durante o pré-natal, fornecendo orientações práticas sobre como os pais

podem se envolver de forma positiva nos cuidados e na educação dos filhos, incluindo a realização de sessões educativas para os pais (RETICENA; GOMES; FRACOLLI, 2022, p. 3).

A concepção de parentalidade é descrita como um dos focos de atenção da profissão pela Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem (CIPE), o que leva a pressupor que o enfermeiro dispõe de ferramentas teórico-práticas, bem como taxonomias para diagnósticos, intervenções e resultados de enfermagem que abordam questões de parentalidade e possibilitam a realização de cuidados acurados acerca das relações estabelecidas entre mães/pais e seus filhos. (RETICENA; GOMES; FRACOLLI, 2022, p. 3)

Reticena, Gomes e Fracoli (2022, p. 3) aplicaram a abordagem da *parentalidade positiva* em programas específicos de suporte à paternidade realizados em unidades básicas de saúde. Durante esses programas, foram conduzidas atividades como *workshops* e sessões de aconselhamento direcionadas aos pais, com o objetivo de fortalecer os laços familiares e promover uma interação saudável entre pais e filhos. Os resultados incluíram um aumento na confiança dos pais em suas capacidades parentais, uma melhoria no relacionamento familiar e uma participação mais ativa dos pais nos cuidados infantis, o que contribuiu significativamente para um ambiente familiar mais harmonioso e acolhedor.

O caso abaixo relata a aplicabilidade da *parentalidade positiva* através do enfermeiro, como sendo um modelo referencial a ser seguido em campo:

- Pelo telefone a enfermeira planejava a primeira visita, procurando uma ocasião em que a criança estivesse acordada e sem fome. Questionava o pai sobre um assunto do seu interesse para conversação durante a primeira visita e sobre um brinquedo que fosse novo para o filho. Este era utilizado no jogo entre o pai e a criança, enquanto eram filmados.

- Intervenção aos 5 meses – sessão filmada de interação pai-criança. O vídeo era visto conjuntamente pelo pai e pela enfermeira, originando a formulação de recomendações para uma interação positiva, de sugestões e de reforço positivo. Era enviada uma cópia do vídeo para o pai.

- Intervenção aos 6 meses - a 2.<sup>a</sup> visita era construída sobre a primeira e decorria com o mesmo protocolo.

- Visita aos 8 meses para avaliação – a avaliação dos resultados e as propostas de melhoria do programa resultavam de uma entrevista estruturada ao pai. (DIXE; LOPES, 2010, p. 6)

A avaliação abrangente dos indicadores da primeira infância no Brasil destaca a necessidade de uma abordagem integrada e centrada na criança, com uma ênfase especial na nutrição, saúde, parentalidade, segurança e educação infantil (FUNDAÇÃO

MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL, 2022, p. 7). Compreender esses indicadores é crucial para a implementação de intervenções eficazes que promovam o desenvolvimento pleno das crianças desde os primeiros anos de vida.

Ainda mais sobre a adoção da parentalidade positiva,

Os enfermeiros são detentores de competências técnicas, científicas, comunicacionais e relacionais para interpretar as mensagens do casal, evitando dificuldades e acompanhando-os de forma sensível e empática, de forma a permitir um apoio emocional e psicológico em todo o processo de adaptação. (CARNEIRO; SILVA, 2014, p. 9)

O papel da enfermagem no monitoramento e na implementação de práticas eficazes é fundamental para garantir um futuro saudável e promissor para as gerações futuras. Com efeito os autores Reticena, Gomes e Fracoli, descrevem a atuação da enfermagem no desenvolvimento da *parentalidade positiva* através da visita domiciliar, uma prática dentro da rotina do enfermeiro da atenção básica que "... permite estabelecer vínculos robustos com as famílias visitadas, e assim o profissional de enfermagem se torna uma pessoa de confiança para ela" (2022, p. 8).

## CONCLUSÕES

Com os avanços da psicologia e da pedagogia dos últimos tempos, houve uma mudança no modelo parental, visto que as famílias extensas, que se caracterizavam por ser patriarcal, masculinizada, hierarquizada, foi substituída pela família nuclear, que é composta apenas pelos pais e filhos.

O modelo de parentalidade antigo se utiliza de atitudes autoritárias e de violência física e verbal que prejudicam o desenvolvimento cognitivo, comportamental e afetivo das crianças, que se tornarão adultos, muitas vezes problemáticos, que reproduzirão o tipo de educação que receberam.

Os problemas decorrentes da educação que cerceia a participação das crianças no processo de aprender levaram à formulação de estratégias voltadas a um novo modelo parental pela percepção de que a relação entre pais e filhos é fundamental para o desenvolvimento humano. A falta de afeto e respeito nas relações parentais pode levar a problemas de saúde, desempenho escolar e profissional, além de envolvimento com criminalidade e outros fenômenos sociais.

Surgiu então o modelo da parentalidade positiva, que busca promover a relação de afeto, confiança e vínculo entre pais e filhos por meio de uma educação mais

humanizada e inclusiva. A utilização dessa abordagem resulta numa série de benefícios na educação e no desenvolvimento saudável das crianças.

A parentalidade positiva pode ser aplicada em diversos setores da sociedade, como escolas, unidades de saúde, hospitais e comunidades, e está alinhada com os fundamentos do apego seguro, contribuindo para um relacionamento familiar mais saudável e uma sociedade mais harmoniosa e inclusiva.

Na área da saúde, os profissionais de enfermagem desempenham um papel crucial na orientação, suporte aos pais, e promoção de práticas saudáveis de cuidado infantil, contribuindo para a divulgação das estratégias e benefícios da parentalidade positiva que contribui para o bem-estar das crianças e suas famílias.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Maria G. O. **A importância do estilo parental positivo na educação infantil**. São Paulo: Editora ABC, 2009.

AGOSTINHO, Clotilde; PEREIRA, Cristina. **Assumir o desafio de uma parentalidade positiva**: um programa de intervenção. Universidade de Santiago de Compostela. Espanha. 2015. Disponível em: <<<https://repositorio.ipcb.pt/handle/10400.11/5335>>>. Acesso em: 10 ago. 2023

SILVA, Camila; CORRÊA, Maria. Educação parental positiva: uma proposta de intervenção. **Rev. a Perquirere**, vol. 20, n. 3: 49-67, 2023.

ALTAFIM, E. R. P. *et al.* **O cuidado integral e a parentalidade positiva na primeira infância**. Brasília, DF: Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/media/23611/file/o-cuidado-integral-e-a-parentalidade-positiva-na-primeira-infancia.pdf>>. Acesso em 06 nov. 2023.

ALVES, J.; MARTINS, I. Parentalidade e desenvolvimento socioemocional: uma revisão. **Rev. Inclusiones**, v. 8, n. 3, p. 385–398, 2022.

ALVES, Jéssika; MARTINS, Islane. Parentalidade e desenvolvimento socioemocional: uma revisão. **Rev. IBERO- Americana de humanidades, ciências e educação**, v. 7, n.8, 2021.

ALVES, Rosenberg. **Família patriarcal e nuclear**: conceito, características e transformações. Praça Universitária - Área II - UCG, Goiânia- GO, 2009. Disponível em <[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/IISPHist09\\_RoosembergAlves.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/IISPHist09_RoosembergAlves.pdf)>.

ARAGÃO, Filipa. **Parentalidade positiva para promoção do desenvolvimento infantil dos 0 aos 5 anos**. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, ESEL, 2014.

ATALAIA, Susana. **A parentalidade em contexto de recomposição familiar**: o caso do padrasto. Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais. 2016.

BEM, Laura; WAGNER, Adriana. Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico. **Rev. Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 63-71, 2006.

CARNEIRO, Marinha; SILVA, Catarina. Adaptação à parentalidade: o nascimento do primeiro filho. Rev. Referência - **Revista de Enfermagem**, vol. IV, núm. 3, pp. 17- 26, Portugal, 2014.

CARVALHO, Júlia Maria das Neves. **Adaptação à maternidade**: influência de uma intervenção de educação parental em mães primíparas. 2020. Tese (Doutorado em Ciências de Enfermagem). Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto. 2020.

COMIN-SCORSOLINI, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio. Construir, organizar, transformar: considerações teóricas sobre a transmissão psíquica entre gerações. **Rev. Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 141-159, 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v28n1/a08.pdf>>.

CORRÊA, Maria; SILVA, Camila. Educação parental positiva: uma proposta de intervenção. **Revista Perquirere**, v. 20, n. 3, p. 49-67, Patos de Minas, 2023.

CRUZ, Orlanda. Intervenção na parentalidade: o caso específico da formação de pais. **Rev. Galego Portuguesa de Psicoloxía e Educación**. v. 13, n. 11-12, 2006.

CRUZ, Orlanda. Que Parentalidade?. Apresentação pelo CEJ - Lisboa, 2014. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/118460/2/308787.pdf>>. Acesso em: 10/09/2023.

DUCHARNE-BARBOSA, Maria; CRUZ, Orlanda. Intervenção na parentalidade - o caso específico da formação de pais. **Rev. RGPPE**. Portugal, v. 13, n. 11-12. 2006.

DIAS; SIQUEIRA; PATIAS, Práticas educativas e intervenções com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. **Rev Mudanças – Psicologia da Saúde**, v. 21. São Paulo, 29-40p 2013.

DIAS, Romualdo; BRASIL, Roseli. Para seu próprio bem: educação e castigo na obra de Alice Miller. **Rev. Educação Unisinos**, Vale do Rio dos Sinos - RS , v. 26, p. 1-17, 2022.

DIXE, Maria; LOPES, M. Parentalidade positiva: Revisão Sistemática da Literatura. **Rev. Enfermagem Referência. Portugal**, v.3, n. 1, p., 109-118, 2010.

FACÃO, Emerson. Poesia, Educação e Políticas na Grécia antiga. **Rev. Ensaios Filosóficos**, v. 20,p. 58-70, 2019. Disponível em: <<https://ensaiosfilosoficos.com.br>>, acesso em: 10 out. 2023.

FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL. **Primeira infância**: recomendações de políticas de primeira infância para os governos federal e estaduais, Brasil, 2022. Disponível em: <<https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/11/educacao-ja-2022-primeira-infancia.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

GIL, A. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. Atlas, São Paulo, 2002.

LOPES, Maria. **Apoiar na parentalidade positiva**: áreas de intervenção de enfermagem. Tse (Doutorado em Enf.), Universidade Católica Portuguesa. 2012.

MARTINS, Silvana *et al.* Parentalidade positiva e a sua relação com o desenvolvimento socioemocional em crianças. **Rev. de Estudios e Investigación en Psicología y Educación**, v. 9, n. 0, Ed. Esp., p. 118-131, 2020.

MARIN, Angela *et al.* Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: evidências empíricas. **Rev. Psic. Teoria e Pesquisa**, Porto Alegre - RS, v. 29, n. 2, p., 123-132, 2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **CONAE 2010**. Eixo 3: O impacto das propostas dos movimentos sindicais e sociais na Conferência Nacional de Educação. Brasília, 2010. Disponível em: <<<https://pne.mec.gov.br/>>>. Acesso em: 20 set. 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Caderno de Atenção Básica**: atenção ao pré-natal de baixo risco. ed. 32. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em <[https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos\\_atencao\\_basica\\_32\\_prenatal.pdf](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_atencao_basica_32_prenatal.pdf)>.

NÓBREGA, Maria; GARCIA, Telma. Processo de enfermagem: da teoria à prática assistencial e de pesquisa. **Rev Enferm. Esc. Anna Nery**, v.13, n.1, Paraíba., p. 188-193, 2009.

NUNES, Maria; BARBOSA, Juliane. Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. **Rev. Psicol. Argum.**, Curitiba, v. 29, n. 64, p. 31-39 jan./mar. 2011 2011.

PASSOS, Ohana. A influência do modelo grego de educação no Império Romano e a fábula como instrumentos de instrução. *Rev. Medievalis*, Rio de Janeiro - RJ, v. 10, n. 1, 2021.

QUINTELLA, Rogerio. As funções do pai: pensando a questão da autoridade na constituição do sujeito contemporâneo a partir de um estudo psicanalítico do ideal do eu. **Rev. Subjetividades**, Fortaleza-CE, v. 14, n. 2, p. 284-296, ago. 2014.

RETICENA K. O.; GOMES, M. F. P.; FRACOLLI L. A. Promotion of positive parenting: the perception of primary care nurses. **Rev. Texto & Contexto Enfermagem**, v. 31, p. 1-13, 2022.

REIS, Edilberto; CHAGAS, Eduardo; XAVIER, Antônio. Cultura e educação na idade média: aspectos histórico-filosófico-teológico. **Rev. Dialectus**, Fortaleza-CE, v. 4, n. 11, p. 310-326, 2017.

ROCHA, Rita. História da infância: reflexões acerca de algumas concepções correntes. **Rev. Analecta**, Paraná, v. 3, n. 2. 2002.

SANTOS, Ana. **Parentalidade na infância**: Relação com a parentalidade e qualidade de vida atual. Dissertação (Mestrado em Psicologia Forense), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa. 2022.

SIEGEL, Daniel J.; HARTZELL, Mary. **Parenting from the Inside out**: how a deeper self-understanding can help you raise children who thrive. Estados Unidos: Editora Tarcher, 2003.

SILVA, Janaina. O que entendem como papel da escola alunos, pais e professores do sistema público de ensino. **Rev. Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, V. 33, n. 1, p. 29. 2012.

SILVA, Everaldo; URBANESKI, Vilmar. Sociedade, educação e cultura. **Rev. Uniasselvi** - Indaial, Vale do Itajaí - SC, n. 1, 195 p. : il, 2013. Disponível em <<https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=16132>>.

SILVA, Sergio. Do feto ao bebê: Winnicott e as primeiras relações materno-infantis. **Rev. Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, vol. 28, n. 2, p. – 54, 2016

SILVA, O que entendem como papel da escola, alunos, pais e professores do sistema público de ensino. *Rev. Semina*, v. 33, n. 1, p. 29. 2012.

SANTOS, Ana. Parentalidade na infância: relação com a parentalidade e qualidade de vida atual. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2022.

SIMÕES, Sónia. Influência dos estilos parentais na qualidade da vinculação de crianças em idade escolar em diferentes tipos de família. Tese (Doutorado em Ciências Biomédicas), Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. 2011.

TARDIF, Maurice; GAUTHIER, Clermont. **A pedagogia**: teorias práticas da antiguidade aos nossos dias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TEIXEIRA, A.; RETTORE, A. Os reflexos do conceito de família extensa no direito de convivência e no direito de visitas. **Rev. Civilistica.com**, v. 6, n. 2, p. 1-20, 2017.

DIAS, Elizama. **Afetividade e educação respeitosa na creche**: narrativas de professoras. Universidade do Pará - Castanhal. 2022.